

Considerações Finais

Jacques-Alain Miller destaca o papel de relevância que o conceito de fantasia assume ao longo do percurso de Lacan, chegando a propor que toda sua obra, assim como a de Freud, pudessem ser relidas em favor dessas duas dimensões clínicas: a fantasia e, como seu conseqüente par, o sintoma (MILLER, 1987, p.96).

Tal proeminência do conceito fez-se sentir também nos tempos de pesquisa e composição desse trabalho que, uma vez disposto a interrogar o estatuto clínico das operações efetuadas no Imaginário, veio recair numa apuração a cada passo mais envolta ao que Lacan procura formalizar pelo nome de *fantasme* [fantasia].

Caberia então retomarmos, por último, a observação quanto ao trabalho de interpretação do analista, pela via antes indicada a partir de Freud na *Interpretação dos sonhos* (1900), enquanto ‘tomar o inconsciente à letra’ (Cf. Seção 3.1, p.43).

Se, conforme observado em nosso último capítulo, uma análise só tem início a partir do momento em que, pela via da transferência, abre-se ao sujeito uma questão a demandar interpretação sobre seu sintoma, podemos agora acrescentar que, no que deposita o investimento da pulsão sobre o alcance da significação sintomática, a dimensão significativa do discurso, sua montagem singular de indagação, é invariavelmente desprezada.

De modo que o discurso de entrada em análise, poderíamos assim dizer, é tido pelo sujeito como carta cujo valor é a mera condução da mensagem/sentido, podendo ser jogada no lixo em seguida¹.

Dessa perspectiva, a clínica da experiência analítica será aquela que, até o fim, insistirá na recuperação dessas cartas – o próprio inconsciente sendo a expressão por excelência de tal insistência –, cabendo ao analista a tarefa de colhê-las uma a uma, posicionando-se de tal modo a que possam vir se sublinhando, em sua profusão ora

¹ Cf. VIEIRA, 2004, p.119-125

descartável, uma reunião de traços constitutivos do sujeito, significantes privilegiados de uma amarração singular que é a fantasia.

Esta elaboração (...) pode, na prática, revelar-se uma tarefa árdua para o sujeito da análise e uma prova de paciência para o analista. Todavia, trata-se da parte do trabalho que efetua as maiores mudanças no paciente e que distingue o tratamento analítico de qualquer tipo de tratamento por sugestão (FREUD, 1914, p.171).

Assim, do decurso de uma análise, observamos que o que o sujeito obtém não é tanto um ganho de saber, nenhuma chave (fállica) de entendimento que se acrescente, *per via di porre*, à manutenção de seu sintoma mas, antes, um ganho de significantes que, segundo Lacan irá indicar num momento mais adiantado de seu ensino, no Seminário 24 (1977), virá permitir ao sujeito um “*saber fazer com*” [savoir-y-faire] (LACAN, lição de 16/11/1977, inédito), ou ‘*saber lidar com*’ o sintoma, na medida em que, pela aproximação à fantasia, em sua expressão irreduzível, o sujeito pode então melhor manipulá-lo.

Aqui, o desfecho do roteiro de *Toy Story* (1995) também muito nos interessa: Buzz, recuperado da experiência de ‘queda’ pelo vão da escada, é capaz de realizar uma manobra no ar, utilizando suas asas, a permitir-lhe retornar à posse do menino Andy, contentando-se, porém, em dizer a si mesmo o que seu colega Woody já havia lhe apontado desde o início: “Isto não é voar, é cair com estilo”.

Nossa pesquisa aponta, então, o caminho de uma investigação acerca do ‘*saber lidar com*’ o sintoma, do qual nos fala Lacan em 1977, enquanto extração de um *estilo*; estilo que resulta de um ganho da travessia analítica em saber manejar aquilo que, segundo Miller, a fantasia traz de Real, “*impossível de mudar*” (MILLER, 1987, p.113) para um sujeito.

Para encerrar nosso trabalho, trazemos um fragmento de Jorge Luis Borges: “*É curioso o destino do escritor. No início é barroco, vaidosamente barroco, e ao cabo de anos pode lograr, se lhe são favoráveis os astros, não a simplicidade, que não é nada, mas a modesta e secreta complexidade*” (BORGES, 1952-1972, Vol.II/verso). Da vaidade aqui referida, situamos o esvaziamento do narcisismo na travessia analítica do Imaginário, quanto à ‘modesta e secreta complexidade’, deixamos apontar o *saber fazer com* o sintoma.